

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v15i26.661>

MEMÓRIA E SENSIBILIDADE NO MODERNO CARNAVAL DE SÃO LUÍS¹

MEMORY AND SENSITIVITY IN THE MODERN CARNIVAL OF SÃO LUÍS

MEMORIA Y SENSIBILIDAD EN EL MODERNO CARNAVAL DE SÃO LUÍS

FÁBIO HENRIQUE MONTEIRO SILVA

Doutor. Professor Adjunto do Departamento de História e Geografia (UEMA)

São Luís-MA, Brasil

monteiromercon@gmail.com

Resumo: Abordagem acerca das representações do carnaval em São Luís do Maranhão no período de 1970-2000. Discutem-se as memórias dos expoentes e partícipes da festa do período em estudo, levando em consideração as lembranças desses bambas que brincaram e praticaram a festa carnavalesca na terra de Gonçalves Dias.

Palavras-chave: Carnaval. História. Memória.

Abstract: This article is a formulation concerning the representations of Carnival in São Luís, Maranhão during the years of 1970 to 2000. The memories of the exponents and participants of the Festival during the period under study will be discussed, taking into account the memories of these “bambas” who preformed and practiced the Carnival festival in Gonçalves Dias’ land.

Keywords: Carnival. History. Memory.

Resumen: Enfoque sobre las representaciones del carnaval en San Luís de Maranhão en el período de 1970-2000. Se discuten las memorias de los exponentes y partícipes de la fiesta del período en estudio, teniendo en cuenta los recuerdos de esos bambas que jugaron y practicaron la fiesta carnavalesca en la tierra de Gonçalves Dias.

Palabras clave: Carnaval. Historia. Memoria.

1 INTRODUÇÃO

Nada mais importante do que o ato de contar a vida. O conto, a narrativa e a representação do passado só podem ser feitos a partir do lembrar, ato mnemônico que pode ser elaborado dentro da possibilidade do sensível. Assim, o visto, o sensível e apreciado são condições indispensáveis para a prospecção da memória.

A condição do lembrar é assunto corrente dentro das ciências humanas, o que vem suscitando uma série de debates sobre os espaços de memória, o lugar de memória, memória coletiva, individual, memória ressentida e até mesmo contramemória. Poderíamos saber que

¹ Artigo submetido à avaliação em junho de 2018 e aprovado para publicação em novembro de 2018.

nos esquecemos de algo se esse algo está esquecido? Será que podemos reconhecer o que se coloca fora da experiência sensível?

O objetivo deste trabalho não é mostrar os limites das abordagens teóricas que disputam a primazia ao se debruçarem acerca da memória – mesmo porque a nossa operacionalização do saber mnemônico é atravessada pela

noção do sensível. Apesar disso, os outros olhares sobre o estudo da memória jamais poderão ser descartados no decorrer do trabalho, uma vez que servirão de substrato para o enriquecimento da pesquisa.

Memória e sensibilidade são condições inseparáveis do viver. Não conseguimos estabelecer uma noção de memória fora do sensível, fora do mundo exterior. A sensibilidade do homem e os reflexos desta no mundo terreno são condições essenciais para não nos tornarmos vítimas de uma amnésia coletiva, uma vez que nos tempos da condição pós-moderna o passado parece esgotar-se no seu próprio passar. Tudo é efêmero, tudo está destinado ao esquecimento, mesmo que esqueçamos que estamos esquecendo.

A prepotência do presente encontra na memória uma reação contra o fugaz, contra o tornar-se nada, pois se tudo passa permanentemente, tornamo-nos um nada. Dessa forma, nada fica e nada somos. A memória seria, portanto, o resguardo de um tempo que vive em constante evaporação, seria a possível reação contra a perda irreversível da nossa identidade. Assim, o ato de lembrar e a sedução das lembranças tornam-se a resistência ao expurgo da nossa vivência que é constantemente jogada fora no esquecimento. Desse modo, a memória “[...] como propriedade de conservar certas informações, remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”²

Diante desta conjuntura, a memória tornou-se uma arma eficaz na luta contra a imposição do imediatismo, contra o vazio temporal imposto pelo apagamento do vivido, é a forma eficaz de manter vivas as lembranças, acendendo as luzes do passado, mesmo que este acender seja feito com um mero ato de apertar um botão no presente. Assim, nossas lembranças em relação às festas carnavalescas não podem ser trocadas como fantasias que são vestidas e logo descartadas – se isso acontecer, o folião entrará em outro bloco. As lembranças devem ser evocação de vida, ou mesmo convocação da vida, pois o ato de contar é experimentar lembranças e celebrar, até mesmo na dor, aquilo que foi lembrado. Celebram-

¹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994. p. 253.

se, portanto, as lembranças do carnaval do passado enquanto se brincam carnaval no presente – que um dia também será a lembrança do passado.

A elaboração discursiva apresentada nas matérias jornalísticas acerca do carnaval de rua e de passarela em São Luís entre as décadas de 1970 a 2000 não esclarece as peculiaridades das brincadeiras que fazem parte do tríduo momesco ludovicense. O que pode ser classificado como uma brincadeira de rua ou como uma brincadeira de passarela? Qual o critério que fora utilizado para que os organizadores afirmassem o que é uma brincadeira de rua ou de passarela? Quais as razões pelas quais o desfile das Escolas de Samba passou a ser chamado de carioquizado?

Durkheim e Mauss³ afirmam que o ato de classificar reflete automaticamente em dividir algo em grupos distintos e determinados, além de mostrar que não existem classificações espontâneas, já que estas sempre são arbitrárias e oferecidas à sociedade. Desse modo, a partir da década de 1990, foi oferecido à sociedade maranhense um conceito de brincadeiras de rua: aquelas que se apresentavam nos circuitos oficiais de rua. Apesar de elaborar uma espacialidade até mesmo oposta entre rua e passarela, os organizadores do carnaval esqueceram-se de que os mesmos blocos que se apresentavam nas ruas, apresentavam-se na passarela do samba.

O carnaval de rua passa a ser, então, aquele guardião da tradição sambista de São Luís, uma tradição que deve ser mantida. Giddens⁴ afirma que tradição é uma orientação para o passado, a fim de exercer uma imensa força no presente, portanto, com uma prática social de confiabilidade na continuidade do passado, o discurso do carnaval de rua tradicional de São Luís vai se tornando uma prática cotidiana. Era preciso viver “[...] o nosso carnaval de rua, um evento popular de identidade própria da maior importância. Tem graça, originalidade, conteúdo e tradição⁵. Era necessário reconhecer que “esse era o nosso verdadeiro carnaval”⁶, pois os “bons tempos estão de volta”⁷. Desse modo, o carnaval carioquizado, pautado nos desfiles das Escolas de Samba de São Luís, passa a ser criticado por diversos setores da imprensa local.

A vontade era tanta de reviver os antigos carnavais, de resgatar o título de terceiro melhor carnaval do país que, na tentativa de ressuscitar o carnaval do passado nesse ano, os promotores do carnaval patrocinaram um curso, chamado de Barca, que representava os

³ DURKHEIM, Emile; MAUSS, Marcel. Algumas formas primitivas de classificação: contribuição para o estudo das representações coletivas. In: MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

⁴ GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo. Ed UNESP, 1991.

⁵ RETORNO às origens. *O Imparcial*, São Luis, 13 fev. 1994. Caderno Impar.

⁶ Ibid.

⁷ Ibid.

corsos que saíam nas ruas de São Luís até a década de 1970. Assim, “[...] a bordo da Barca navegavam foliões, marinheiros, pierrôs e colombinas, cruz-diabo, dominós e tantos outros personagens do nosso carnaval. Quando a Barca passar, caia na folia do verdadeiro carnaval da gente”⁸.

Só faltaram dizer que a Barca havia ressuscitado os brincantes do carnaval de outrora. A concepção desse resgate imaginário é ressaltada por Woodward⁹ ao afirmar “que o passado é parte de uma comunidade imaginada, uma comunidade de sujeitos que se apresentam como sendo nós”.

A PASSARELA DO SAMBA E O CARNAVAL NAS RUAS: os embates de memória acerca do verdadeiro carnaval de São Luís

Concebo história como uma construção do passado, aquilo que passou e não consegue voltar. Assim, apesar do desejo de alguns saudosistas que tentaram reviver os carnavais de ontem, esse reviver pode ser elaborado apenas nas lembranças dos foliões, pois a história jamais poderá ser recuperada; história não é o passado em si, mas as elaborações do passado que são construídas no presente.

O carnaval que identificava o folião maranhense era o de rua, aquele em que se brincava de forma pura e simples, sem concurso de passarela. Era a época em que “éramos felizes e não sabíamos”¹⁰, como afirma o filósofo Ribamar. Esse é mais um discurso de valorização do carnaval de rua em detrimento do carnaval de passarela. As ruas seriam o espaço de lazer que além de propiciar aos foliões uma sociabilidade também os identificavam como os verdadeiros brincantes da folia de momo em São Luís. Enquanto isso a passarela era o símbolo de um carnaval que não passava de uma cópia do carnaval do Rio de Janeiro.

Desse modo, Hall¹¹ afirma que a identidade cultural de um povo está imbricada na busca da recuperação de uma verdade passada desse mesmo povo, tendo como característica uma origem comum.

Todos esses discursos que valorizavam o passado do carnaval ludovicense, sua importância e a necessidade de recuperação (como se isso fosse possível!) eram materializados nos jornais locais. Outro discurso acompanhava essa primeira premissa: o

⁸ RETORNO..., op. cit.

⁹ WOODARD, R. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000. Cap. 1, p. 7-72.

¹⁰ SILVA, Ribamar. Quando o carnaval era o terceiro do país. *O Imparcial*, 13 fev. 1994. Geral.

¹¹ HALL, S. *A identidade cultural na pós modernidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

discurso da importação, da competição e da descaracterização, que era presentificado no carnaval de passarela. O carnaval de rua, portanto, seria um carnaval puro, com construções de limites culturais rígidos, transformando a cultura ludovicense em uma cultura fechada em si mesma, isolada de um contexto maior, enquanto a passarela seria o espaço de importação, de outros carnavais.

O que, então, contribuiu para que, mesmo com a elaboração de um discurso contrário ao carnaval na passarela do samba, bem como uma política cultural de desvalorização desse espaço, o mesmo permaneceu e permanece ainda nos dias atuais? Primeiro foi a elaboração de outro discurso produzido pelos defensores do carnaval de passarela que passa a desconstruir as arbitrariedades e os conceitos que foram dados a esse tipo de carnaval.

Assim, de acordo com Carlinhos¹², mesmo sendo criticadas, as escolas de São Luís mantinham sua singularidade, seu estilo próprio, com temas que valorizavam a cultura do Estado. Além disso, o compositor acredita que a carioquização do carnaval de passarela não passa de uma estratégia de alguns para tirar proveito do carnaval de rua, pois as agremiações que desfilam nos circuitos oficiais recebem para isso. Ressalto que esse discurso nas décadas anteriores era apresentado de outra forma, pois,

[...] Os responsáveis pelos blocos e escolas de samba andam mesmo a passos largos nesse setor momesco. Variam todos os anos as fantasias, aprimoram-se nos ensaios de música e movimentação, ampliam mesmo o número de seus participantes enchendo as ruas de alegria, tanto como se faz em Recife e no Rio [...] o carnaval maranhense se salva por causa deles, que são na verdade dignos de todo elogio [...]¹³

Mesmo sem o apoio dos órgãos oficiais, como Prefeitura e Estado, a passarela sempre foi um local de descontração, algazarra, competição, o lugar onde os brincantes ficavam esperando o bloco rival passar a fim de saber se teria condições de ser campeão e, principalmente,

[...] ao contrário do que muitos esperavam e até torciam, o público prestigiou o espetáculo oferecido pelos blocos. Ninguém se intimidou e foi pra passarela com muita garra. A empolgação foi tal que pareciam até que estavam com todo apoio dos donos do poder. As fantasias eram de primeira e mostraram que em São Luís ninguém consegue acabar com a alegria [...]¹⁴

A reportagem mostra que, em 1996, mais uma vez a passarela sofreu com a falta de apoio do poder público. Saliento que, em 1994, ano em que a passarela foi construída na

¹² DINIZ, Carlos Augusto. *Intérprete do bloco organizado Unidos de São Roque* [7 de março de 2008]. Entrevista concedida a Fabio Henrique Monteiro Silva. São Luís, 2007. Filmado e gravado em DVD.

¹³ DIÁRIO DA MANHÃ, São Luís, 16 fev. 1961.

¹⁴ O IMPARCIAL, São Luís, 20 fev. 1996. Geral.

última hora, a estratégia era tentar acabar com o carnaval de passarela e não ocorrer o desfile oficial. Nesse ano de descaso com o carnaval, as escolas, blocos e tribos de índio que foram para a passarela oneraram seus cofres, mesmo sabendo que nada iriam receber em troca. Essa postura mostrou a força daqueles que compartilham com o carnaval na passarela do samba – o carnaval que também valoriza as coisas do Maranhão.

Desse modo, lançando mão de mais uma estratégia para dar continuidade ao carnaval de passarela, os blocos, as tribos e as escolas de samba buscaram no próprio carnaval de rua a receita para a continuidade do carnaval de passarela. Em outras palavras, como as apresentações dos circuitos oficiais nas ruas de São Luís eram pagas, essas brincadeiras passaram a participar dos carnavais de rua para angariar fundos e comprar suas fantasias, cobrir seus instrumentos e participar do carnaval de passarela. Nos circuitos oficiais, os blocos tradicionais apresentam-se com as fantasias do carnaval anterior, enquanto os blocos organizados e as escolas de samba confeccionam uma camisa identificando a sua agremiação. O certo é que o próprio carnaval de rua, mesmo se posicionando muitas vezes contra o carnaval na passarela do samba, foi utilizado por essas agremiações, de maneira estratégica, para dar continuidade à competição na passarela do samba.

Aproveito para discordar daqueles que afirmam ser o carnaval de rua um espaço onde não há competição. Ao contrário, essa competição apenas não está institucionalizada. Os blocos, como disse Seu Paulo¹⁵, descem em peso para mostrar que um é melhor do que o outro e para mostrar, também, que têm uma bateria mais cadenciada, com um maior número de brincantes. Portanto, concebo isso como competição. Além disso, tradicionalmente, o carnaval é competitivo, pois, como afirma Burke¹⁶, desde o carnaval romano havia disputa de cavalo entre jovens rapazes.

No mesmo período em que ocorria a problemática do carnaval de passarela em São Luís, a Litorânea tornou-se um local que também contribuiu para esse tipo de brincadeira, já que estava sendo palco de uma festa com características baianas. Os trios elétricos começaram a fazer a festa da elite que preferia se deslocar para um local perto da praia a ir para o centro da cidade e ver as brincadeiras de São Luís, que perdiam um pouco do seu brilho e encanto.

Essa baianização produziu mais uma vez uma guerra de discurso, só que dessa vez estava de um lado o carnaval maranhense – de rua e de passarela – e do outro, o carnaval da

¹⁵ NOGUEIRA, Aerosvaldo Paulo. *Entrevista* [8 de novembro de 2007]. Entrevista concedida a Fábio Henrique Monteiro Silva. São Luís, 2007. Filmado e gravado em DVD.

¹⁶ BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Bahia. Um dos jornais ludovicenses exaltava as duas formas de brincar o carnaval: o da Litorânea, baianizado, e o de passarela, agora mais uma vez típico de São Luís:

[...] Quem se orgulha de ver São Luís, puxada por velhos carnavais vai ter que se render à potência dos decibéis dos trios elétricos. São eles que comandam o carnaval em todo o país [...] E se a música deu certo e o carnaval da Bahia derrubou até a Apteose do Rio de Janeiro, quem é que vai querer outra coisa [...] ¹⁷

A Litorânea passou a ser o ponto de referência de parte da sociedade ludovicense que se identificava com o carnaval puxado pelos trios elétricos. Apesar dessa opção, outros expoentes da folia preferiam ir para a passarela, pois:

[...] Cerca de 15 mil pessoas assistiram ao desfile oficial de domingo na passarela do samba armada no Anel Viário. A perspectiva maior ficou por conta das escolas de samba [...] uma das maiores tradições do carnaval maranhense, a casinha da roça que este ano completa 56 anos, arrancou aplausos do público que dançou ao som dos seus tambores [...] ¹⁸

A VALORIZAÇÃO DOS DESFILES DA PASSARELA DO SAMBA

É interessante notar que agora o desfile oficial da passarela começa a ser valorizado, pois existia um mal maior: o carnaval da Bahia que estava arrancando aplausos por parte da sociedade. Essa valorização veio acompanhada de uma modificação nas “relações sociais que se estabeleceram entre os foliões e os dirigentes das diversas escolas de samba locais. A competição e a rivalidade entre as principais agremiações permaneciam, mas possíveis divergências entre elas eram colocadas em segundo plano” ¹⁹.

Em primeiro plano estava a erradicação do carnaval dos trios elétricos, postura essa percebida nas contestações das letras dos sambas das escolas que desfilaram na passarela do samba. A Flor do Samba, por exemplo, exaltava em seus versos: “quem muito se abaixa, seu abadá aparece, jamais Jamaica, jamais Bahia de volta a era de Atenas, onde o povo era feliz e não sabia” ²⁰.

Nessa perspectiva, a passarela continuou sobrevivendo e sobrevive até os dias atuais e abriga o samba, a parte poética de todas as agremiações carnavalesca, a rainha da festa, a sacerdotisa da folia. É o local onde a música carnavalesca continua sendo cantada pelos apaixonados por carnaval, o espaço onde as baterias fazem tremer o chão. É o palco

¹⁷ O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 2 mar. 1995. Caderno Alternativo, p. 7.

¹⁸ Id., 28 fev. 1995. Cidades, p. 9.

¹⁹ ERICEIRA, Ronald Clay dos Santos. *Haja Deus: a flor do samba no carnaval da Atenas brasileira*. São Luís: Fundação Municipal de Cultura, 2006. p. 24

²⁰ Ibid., p. 24 e 193.

onde não existem espectadores, pois, como lembra Araujo²¹, a plateia, ao assistir aos desfiles, participa dele intensamente, divertindo-se e emocionando-se. Quantos foliões não choram ao ver a sua escola passar? Quantos ritmistas não se emocionam quando a sua bateria começa a tocar? Quanta felicidade é vislumbrada nos olhos e nos rostos dos amantes do carnaval. Por isso, como versa o samba da Flor do samba de 1979 “carnaval é a festa maior”. É de fato a maior festa que a nação Brasil pratica, e, em São Luís, a passarela do samba tornou-se um espaço de contestação, paixão e dizibilidade, no qual pude perceber as mudanças pelas quais o carnaval passou.

Reitero que as mudanças das agremiações auferidas na festa momesca de São Luís só podem ser compreendidas com o advento da passarela do samba. Defendo a ideia de que antes as manifestações que faziam parte do carnaval desta cidade estavam em constante transformação, por isso que o carnaval anterior à década de 1970 é o carnaval dos cordões. Nesse sentido, cordões é a classificação dada a todas as manifestações que faziam parte do carnaval até antes de 1974, quando foi instituída a passarela do samba.

Isso não significa afirmar que na passarela do samba não havia diversidade; ao contrário, foi o espaço onde diversas manifestações apresentavam-se a fim de conseguir o título do carnaval da capital. Ao tentar alcançar o tão almejado título, destaco como mudança significativa na festa momesca, primeiro, a transformação das turmas de samba em escola de samba.

Até a década de 1970, as escolas de samba de São Luís mantinham um padrão de roupas que representavam as cores de cada agremiação e também cantavam vários sambas. A partir de 1974, quando foi instituída a passarela com arquibancadas, as escolas começaram a desenvolver um samba-enredo, dividindo o desfile em várias etapas e mostrando tal desenvolvimento com as alas estilizadas.

A mudança no tamanho das escolas fez com que diminuísse o número de participantes. Além dessa mudança, o horário de desfile fora alterado; se antes as agremiações saíam pela tarde para brincar o carnaval, a partir da construção da passarela, começaram a chegar cada vez mais tarde. O folião que desejasse contemplar os desfiles das escolas de samba em São Luís deveria ficar até a madrugada e, muitas vezes, até o amanhecer do dia para apreciar o espetáculo carnavalesco.

Essa mudança de horário foi reflexo da própria população e dos organizadores do concurso, já que, ao departamentalizar um espaço para o desfile, as manifestações

²¹ ARAUJO, Eugênio. *Não deixe o samba morrer: um estudo histórico e etnográfico sobre o carnaval de São Luís e a escola Favela do Samba*. São Luís: UFMA; PREXAE; DAC, 2001. p. 34.

necessitavam de público para se apresentar. Foi o que aconteceu no carnaval de 1988, quando a Casinha da Roça não aceitou o horário de desfile:

[...] seu Henrique garantiu que vai reivindicar, junto ao presidente da comissão, Eli Gomes, para desfilar entre 18:30 e 19h, pois há dois anos ele vem sendo prejudicado por ter que passar no início da tarde quando ainda não tem público, policiamento, nem serviço de som funcionando na praça. Caso o presidente não resolva a situação da Casinha da Roça, essa irá invadir a passarela do samba, às 19 horas, no domingo, e seus organizadores, não vai ter quem os faça voltar. ‘Vamos passar na marra e ninguém vai nos fazer voltar de ré, avisa Henrique Dias’[...]²²

A Casinha da Roça tradicionalmente abre os desfiles de São Luís, no domingo de carnaval. No entanto, com o apogeu do chamado carnaval de passarela, o horário passou a prejudicar os brincantes dessa agremiação que não aceitava mais passar durante a tarde. De acordo com a fala de um dos fundadores do Corso Rural, observo que essa mudança no horário da forma de fazer o carnaval é reflexo da própria comunidade que não mais se deslocava para a passarela nas primeiras horas da tarde. O senhor Bruxela²³ afirma que:

[...] Ora rapaz, na nossa época a gente saía mais cedo porque à noite tinha os bailes de máscaras. Por isso, a gente ia pra batucada, passávamos na Rua do Passeio, Deodoro, Rua da Paz, essas ruas aqui do Centro e depois voltávamos pra sede do bloco. Algumas vezes, íamos direto pro Bigurrilho ou pro Berimbau, que eram os bailes populares daqui [...]

É conveniente lembrar que, na década de 1990, com a reestruturação do carnaval de rua, muitos bailes, inclusive de máscaras, voltaram a fazer parte do carnaval de São Luís. Portanto, se nos carnavais anteriores os foliões saíam às ruas cedo para depois irem aos bailes, na década de 1990, por conta da reorganização de alguns bailes, isso também era possível. A mudança de comportamento na forma de brincar o carnaval cedo para depois ir aos bailes não tem sustentabilidade, uma vez que, por vários anos, desde a década de 1980, esses bailes voltaram a ser promovidos:

[...] A temporada carnavalesca de São Luís será movimentada no próximo sábado com a realização do segundo baile de máscaras na associação dos moradores do conjunto COHAB Anil, numa produção da Sacada Produções Artísticas e Culturais, sob a coordenação do jornalista Euclides Moreira Neto [...] Como novidade para o segundo baile de máscaras, será inaugurada a associação principal dos moradores do conjunto COHAB Anil e distribuídos prêmios para as máscaras mais criativas [...]²⁴

A mudança na forma de brincar o carnaval, que antes era de dia e, nesse período, passou a ser à noite, deve-se em função do próprio tamanho das agremiações, bem como a própria organização do espaço da passarela. Quando as escolas eram menores, a locomoção

²² O IMPARCIAL, São Luís, 11 fev. 1988. Geral, p. 5.

²³ MOREIRA, Antonio Félix. *Componente do bloco Fuzileiros da Fuzarca* [4 de janeiro de 2008]. Entrevista concedida a Fábio Henrique Monteiro Silva. São Luís, 2008. Filmado e gravado em DVD.

²⁴ O IMPARCIAL, São Luís, 2 fev. 1988. Geral.

delas dos seus locais para o centro da cidade era muito mais fácil. A partir da década de 1970, com o crescimento dessas agremiações, a organização para o desfile requeria mais tempo, pois era preciso organizar as alas e os carros alegóricos. Porém, segundo o Seu Paulo,

[...] O que fez com que começássemos a passar mais tarde foi o atraso de algumas brincadeiras menores que não passavam no horário estipulado pela comissão organizadora. Aí todo mundo sofre, porque as pessoas ficam cansadas de esperar pelas melhores escolas que geralmente passam só lá pelas altas horas da madrugada [...]²⁵

Na verdade, os entrevistados esqueceram que uma das razões para que as escolas começassem a passar mais tarde era o fato de que produziam grandes espetáculos culturais, com muitas alas e carros alegóricos, e tinham grande número de componentes. Esses espetáculos deveriam ser vistos, portanto, à noite, para que o brilho das fantasias e dos carros alegóricos pudesse reluzir com mais facilidade. “Era necessário sair à noite para mostrar as surpresas que estávamos aprontando para os espectadores, a noite era melhor para o brilho dos orvalhos que utilizávamos nas fantasias”, diz Seu Riba²⁶.

As escolas cresceram, as charangas transformaram-se em blocos organizados, as tribos de índio preferem temas brasileiros – por isso não se chamam mais Sioux ou Apaches, e sim Guarany, Tupi e Carajás. Os blocos tradicionais enriqueceram suas fantasias, agora luxuosas, e surgiu uma nova categoria: a dos blocos alternativos, que se fazem presentes no folguedo de São Luís somente a partir da década de 1990. Mas as grandes mudanças nas formas de os foliões exercitarem sua arte de fazer no carnaval podem ser sentidas na estrutura da festa e no espaço social da mesma.

A cidade mudou: dos tempos em que os mais velhos saíam às ruas sem medo da violência aos dias dos receios da violência constantes da atualidade. Por a cidade não ser mais a mesma, os espaços em que os foliões praticam a festa carnavalesca também mudaram. Aquele carnaval brincado na Rua do Passeio, Deodoro e João Lisboa, cedeu espaço para novas localidades, como Liberdade, Cohatrac, Vinhais, dentre outros bairros ludovicenses. Os velhos e saudosos carnavais não voltam mais, tem-se outro tempo, outra história – mesmo que seja no mesmo espaço físico cujos interesses sociais, culturais e políticos são outros. O menino levado que fui, agora vive adulto na nova cidade, em novos carnavais.

Como mudanças estruturais, ressalto o reflexo do crescimento da cidade e do número da população, elementos que contribuiram para o aumento do número das brincadeiras. A passagem da passarela de um local menor (Praça Deodoro) para outro onde

²⁵ NOGUEIRA, op. cit.

²⁶ RAIMUNDO, José. *Entrevista* [4 de fevereiro de 2008]. Entrevista concedida a Fabio Henrique Monteiro Silva. São Luís, 2008. Gravado e filmado em DVD.

pudesse comportar um maior número de simpatizantes (Anel Viário); os circuitos do carnaval de rua que se estruturaram com som, iluminação, dando uma nova característica a essa forma de participar da festa carnavalesca; e, principalmente, uma mudança brusca na folia de momo ludovicense, são elementos contundentes que fizeram com que o carnaval deixasse de ser do povo e passasse a ser para o povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu seria um romântico em afirmar que o povo teve o domínio maior sobre a feitura da festa carnavalesca em São Luís, mas como a elaboração da festa carnavalesca – seja nas ruas, clubes ou passarela do samba – passou a ser determinada pelos organizadores, evidentemente, são estes que determinam onde, quando e como ela deve acontecer. A partir da instância em que determinam os espaços onde o folião pode brincar este não pode mais ser considerado um produtor da festa carnavalesca.

Compartilho com Canclini²⁷ quando afirma que toda vez que os grupos populares perdem o controle, a produção e elaboração da festa, esta já não merece ser adjetivada de festa popular. Nessa perspectiva, a partir da organização do folguedo momesco por parte do poder público, o carnaval passa a se tornar não do povo, mas para o povo.

Essas mudanças são sentidas na contemporaneidade, na medida em que os produtores, os artistas e intelectuais começam a organizar a festa, transformando os foliões em consumidores da mesma. Assim, o carnaval ludovicense, bem como o carnaval pelo Brasil afora, passa a ter uma nova tessitura, principalmente quando essa festa passou a ser controlada pelos organizadores.

Ao ser organizado pelo poder público e pela iniciativa privada, o carnaval passa a ser uma festa planejada, com investimentos, negociações e, principalmente, controle da mesma. Não quero estabelecer com isso, muito menos afirmar, que existe um controle social sobre o folião. Diria que, quando é instituído o desfile na passarela ou mesmo nos circuitos de rua com horário de entrada e saída dos participantes e os organizadores da folia controlam com uma lista o bloco ou escola de samba que faltou, isso diferencia muito o carnaval atual do carnaval passado. Faz parte das mudanças estruturais do carnaval.

Nessa perspectiva, o que muda na festa carnavalesca ludovicense são as estruturas, que tentam normatizar essa festa por meio de órgãos institucionais. A MARATUR

²⁷ CANCLINI, Nestor. *As culturas populares no capitalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

é um desses órgãos que, ao vender um discurso acerca do melhor carnaval de São Luís, legitima o folguedo praticado nas ruas. O que se percebe é que de um lado estavam os saudosistas que afirmavam que o nosso verdadeiro carnaval era o carnaval de rua, como se existisse um falso carnaval que seria o de passarela. Na verdade, elabora-se aí uma luta clara na tentativa de exercer o domínio na festa carnavalesca, entre os representantes do Estado e aqueles que não aceitavam tal domínio e demonstraram isso quando, mesmo sem ter concurso oficial em 1996, foram à passarela do samba participar do concurso promovido pela imprensa²⁸.

As mudanças ocorridas na festa carnavalesca em São Luís, visíveis na década de 1990, não podem ser compreendidas fora da relação de força que existe dentro desse contexto simbólico. Essa relação torna-se mais acentuada nesse período, principalmente pelas mudanças estruturais pelas quais a cidade passou. Não se pode pensar a cidade de 1990 na mesma perspectiva da cidade de 1950, momento que escolhi para o começo desta pesquisa.

Quanto às permanências, endosso as palavras do senhor Paulo Pavão, o comandante das tribos ao afirmar que:

[...] O que mudou? Tudo, tá tudo mudado, o horário era à tarde, agora pra ti ver alguma coisa só se ficar a noite toda acordado, as brincadeiras eram mais familiares, hoje em dia a gente não sabe quem é quem, toda hora é uma briga. Às vezes fico aqui na praça e quando me espanto é um bando de gente correndo. Na minha época não existia isso. Ah, a única coisa que vejo ainda hoje em dia é o fofão, o resto tá tudo diferente [...]²⁹

Seria o fofão a única representação de continuidade no carnaval ludovicense nas décadas de 1990? Durante quarenta e oito anos, de 1950 a 1998, recorte temporal da minha pesquisa, não permanece nada daquilo que existia nos carnavais do passado? Esse era um questionamento que fazia a todos os entrevistados. E todos foram enfáticos em afirmar que tudo está mudado.

Compartilho com essa elaboração de que muitas coisas mudaram. No entanto, algumas manifestações permanecem no carnaval de São Luís, são poucas, mas permanecem. Como elemento de representatividade das permanências, posso elencar os blocos tradicionais que, desde a década de 1930, período nem contemplado nesta pesquisa, existiam os batuques desses blocos e continuam com o mesmo ritmo, a mesma batida. Além desses, o Fuzileiros da Fuzarca, considerado o guardião das tradicionais turmas de samba, também dão continuidade ao seu batuque cadenciado com seus instrumentos de couro e, ainda hoje, preservam a mesma

²⁸ O ESTADO DO MARANHÃO, São Luís, 24 fev. 1996. Geral, p. 5.

²⁹ NOGUEIRA, op. cit.

vestimenta, o preto e o branco, cores que representam essa brincadeira desde o primeiro ano de sua existência.

Essas manifestações sentem o reflexo das mudanças sentidas na cidade de São Luís, uma vez que o carnaval não pode estar dissociado dessas elaborações. Mudanças são inerentes ao tempo, registrá-las é o papel do historiador, guardião das memórias de um povo, para que estas não se percam no vazio da existência. Resgatar as memórias da história do carnaval de São Luís é meu papel como historiador e folião de um tempo de belezas do carnaval – tanto do de outrora como o do momento vivido.